

nº 74
Setembro/
Outubro
de 2003



EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

Directora

Joana Brocardo

Subdirectora

Adelina Precatado

Redacção

Alice Carvalho

Ana Paula Canavarro

António Fernandes

Elisa Figueira

Fátima Guimarães

Helena Amaral

Helena Fonseca

Helena Rocha

Isabel Rocha

Lina Brunheira

Manuela Pires

Maria José Boia

Colaboradores Permanentes

A. J. Franco de Oliveira

Matemática

Branca Silveira

“Tecnologias na Educação Matemática”

José Paulo Viana

“O problema deste número”

Lurdes Serrazina

A matemática nos primeiros anos

Maria José Costa

História e Ensino da Matemática

Rui Canário

Educação

Paginação e Pré-Impressão

Gabinete de Edição da APM

Entidade Proprietária

Associação de Professores de

Matemática

Rua Dr. João Couto, 27-A,

1500-236 Lisboa

Tiragem

5000 exemplares

Periodicidade

Jan/Fev, Mar/Abr, Mai/Jun,

Set/Out e Nov/Dez

Impressão

Gráfica Torriana

Fonte Santa, Paúl

2580-250 Torres Vedras

N.º de Registo: 112807

N.º de Depósito Legal: 72011/93

A persistência das vontades na transitoriedade do tempo

Leonor Santos

Este número temático da revista, dedicado à avaliação, ficará para sempre ligado ao meu querido amigo e colega Paulo. Entre os temas da educação matemática que ao longo dos anos com ele discuti e reflecti, a avaliação ocupa um lugar de destaque. Por mais incrível que pareça, é o tema que identifiquei como o mais constante e permanente no nosso trabalho continuado. Recordo dos tempos do projecto Mat789, nos finais dos anos 80, preocupações e linhas de força que desde então partilhámos. Muito embora tenham já decorrido cerca de quinze anos, a actualidade de que ainda se revestem é indiscutível. Aqui ou ali poderemos hoje apontar uma ou outra mudança de terminologia, mas as ideias, no seu essencial, mantêm-se as mesmas. Irei de seguida destacar duas delas, estreitamente relacionadas com o modo como, em conjunto, sempre percebemos a avaliação.

Encarar a avaliação como parte integrante da aprendizagem é a primeira ideia que sublinho. Isto significa privilegiar a componente reguladora da avaliação, o que foi, e é ainda hoje, um dos maiores desafios subjacentes à avaliação. Se encarmos a aprendizagem como o objectivo primeiro de todo o acto educativo, falar-se na importância da avaliação é necessariamente vê-la como um contributo para essa mesma aprendizagem. Mas levar à prática tal ideia implica mudanças significativas na cultura da escola e da sala de aula. Tais mudanças passam pela intencionalidade e sentidos atribuídos às práticas dos professores, pela forma como são desenvolvidos e usados os instrumentos de avaliação, pelo ambiente da sala de aula e pelos novos papéis do professor e dos alunos.

Encarar a avaliação como parte integrante do currículo é a outra dimensão que destaco. Tal forma de olhar a avaliação traz, mais uma vez, implicações para os procedimentos avaliativos. Se tivermos em conta os objectivos curriculares e as metodologias preconizadas, não nos restam dúvidas que, para garantir um currículo internamente coerente, é imprescindível recolher informações sobre as aprendizagens e dificuldades dos alunos através de uma variedade de formas, adequadas à diversidade e natureza dessas mesmas aprendizagens.

Estas linhas de força orientaram muitas das opções tomadas nesta revista, dada a importância que lhe reconhecemos. Sabemos, contudo, que mudar as nossas práticas representa um grande desafio e levanta-nos múltiplas dificuldades. Acresce ainda o facto da avaliação ter grande visibilidade social, criando deste modo fortes pressões sobre os professores. Como afirmou o Paulo ainda há bem pouco tempo, a avaliação é uma questão complexa, em permanente discussão e geradora de muitas tensões. Fica a esperança de que este número da revista possa de algum modo contribuir para apoiar o trabalho e investimento que todos temos de continuar a fazer que o nosso querer passe do nível das intenções à realidade do dia a dia da sala de aula de Matemática.

Leonor Santos
Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa